

# **RESISTÊNCIAS AO movimento pentecostal em Campanha/MG por um periódico católico**

*Adenylson Domingues Mariano<sup>1</sup>*

*Vânia Maria Siqueira Alves<sup>2</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

O movimento protestante, encabeçado por Martinho Lutero e seguido por outros reformadores, tais como Calvino, Zwínglio e Henrique VIII, deu origem a grupos protestantes como o luteranismo, calvinismo e anglicanismo. Do protestantismo histórico do século XVI até à vertiginosa multiplicação evangélica que se vê nos dias atuais, um longo caminho foi percorrido.

Da Europa, o protestantismo espalhou-se pelo mundo, chegando ao Brasil ainda no século XVI, com a invasão francesa da Baía de Guanabara entre 1555 a 1558; com a invasão e tomada de Pernambuco pelos holandeses calvinistas em 1630, onde permaneceram até 1645; e com o estabelecimento da França Equinocial no Maranhão na primeira metade do século XVII (FERNANDES, 2017, p. 56-59).

No entanto, a entrada efetiva de igrejas tradicionais protestantes no Brasil se deu no século XIX com a vinda da família real portuguesa. Nesse contexto, surgiram, entre outras: a Igreja Anglicana

do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1810; a Igreja Evangélica de Confissão Luterana em São Leopoldo e Nova Friburgo, em 1824; e a Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1862 (FERNANDES, 2017, p. 59).

No início do século XX, novos movimentos também chegaram ao país, dentre os quais se destaca o pentecostalismo, movimento originário dos Estados Unidos a partir da experiência que ficou conhecida por Reavivamento da Rua Azuza.<sup>3</sup> Esse movimento era pautado biblicamente no

livro *Atos dos Apóstolos*, cuja leitura literal gerou a crença de que o mesmo fenômeno ocorrido com os apóstolos no dia de Pentecostes – o “batismo de fogo” – poderia se repetir entre os fiéis, abrindo-lhes a possibilidade de desenvolvimento de dons carismáticos como cura, profecia, glosolalia e libertação, entre outros. Mais ainda: o “Batismo no Espírito Santo” – uma experiência inteiramente individual e marcada pela emoção – dependeria única e exclusivamente da fé do converso (MACHADO, 1996, p. 45).

No presente trabalho, propõe-se abordar o discurso do catolicismo em relação ao avanço do movimento pentecostal em Campanha na década de 1950, através do periódico *Voz Diocesana*. Neste sentido, além da pesquisa bibliográfica, recorreu-se ao levantamento e análise de uma representativa série de publicações entre os anos de 1950 a 1960.<sup>4</sup> Também foi necessário recorrer a outras fontes de informação, como a história oral, para dar conta do objeto investigado. O trabalho de produção de fontes orais utilizadas foi dividido em três momentos: a preparação, realização e tratamento das entrevistas.<sup>5</sup>

## **1 O PENTECOSTALISMO: RAÍZES HISTÓRICAS E SUA EXPANSÃO NO BRASIL**

O pentecostalismo surgiu como uma reação ao movimento anglicano na Inglaterra. Após a proclamação do Ato de Supremacia, em 1534, pelo rei Henrique VIII – que rompia com a Santa Sé e inaugurava

uma igreja nacional –, um grupo influenciado pelas ideias do teólogo João Calvino (1509-1564), que reunia advogados, comerciantes e moradores de zonas rurais, chamado pejorativamente de puritanos, pretendia dar continuidade às reformas na Igreja do país.<sup>6</sup> O movimento ocorreu em meio a um período de avanços e retrocessos na questão religiosa inglesa e foi duramente combatido pela ordem política vigente, fazendo com que seus adeptos procurassem refúgio em uma nova terra: a América do Norte, terras que deram origem aos Estados Unidos (GOMES; REIS, 2014, p. 20).<sup>7</sup>

Mais tarde, esse grupo perseguido se transformou em perseguidor de outros grupos na América, em especial os anabatistas e os *quakers*.<sup>8</sup> Os primeiros foram os fundadores da colônia Rhode Island (GOMES; REIS, 2014, p. 24); e, como estes, outros grupos se deslocaram para a América, sendo influenciados pelo metodismo de Jonathan Edwards e John Wesley.<sup>9</sup> Primavam por uma moralidade extremamente elevada e por um maior peso dado à conversão. Essa corrente entrou na composição do pentecostalismo moderno.

A expansão dos movimentos pentecostais estadunidenses ultrapassou suas próprias fronteiras, com o chamado pentecostalismo missionário (GOMES; REIS, 2014, p. 49).<sup>10</sup> Por meio de inúmeras denominações, os estadunidenses enviaram missionários a diferentes países do mundo, dentre eles o Brasil, em movimentos e fases diversas.

Na primeira metade do século XX, no que ficou convencionada como a “Primeira Onda Pentecostal” (FREESTON, 1996 apud GOMES; REIS, 2014, p. 86), surgiram igrejas como a Congregação Cristã do Brasil (1910), em São Paulo, e a Assembleia de Deus (1911), no Pará, ambas associadas às camadas menos favorecidas da sociedade brasileira. A Assembleia de Deus foi fundada pelos missionários sueco-americanos Daniel Berg e Gunnar Vingren, e se expandiu com o ciclo da borracha na Amazônia.<sup>11</sup> Hoje, dentre as principais ramificações do protestantismo, é a maior igreja evangélica no Brasil e a que mais tem crescido no país, totalizando mais de 12 milhões de membros, segundo o censo de 2010 (29% do total de protestantes no país), como se pode verificar na TABELA 1.

**TABELA 1** – Igrejas evangélicas no Brasil e número de fiéis em 2010.  
 Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE/Censo 2010.

<b>Igrejas evangélicas</b>	<b>Nº fiéis</b>	<b>Porcentagem</b>
Igreja Evangélica Assembleia de Deus	12.314.410	29,1%
Evangélica não determinada	9.218.129	21,8%
Outras Igreja evangélicas pentecostais	5.267.029	12,5%
Igreja Evangélica Batista	3.723.853	8,8%
Igreja Congregação Cristã no Brasil	2.289.634	5,4%
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243	4,4%
Igreja do Evangelho Quadrangular	1.808.389	4,3%
Igreja Evangélica Adventista	1.561.071	3,7%
Igreja Evangélica Luterana	999.498	2,4%
Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209	2,2%
Igreja Pentecostal Deus é Amor	845.383	2,0%
Igreja Maranata	356.021	0,8%
Igreja Evangélica Metodista	340.938	0,8%

<b>Igrejas evangélicas</b>	<b>Nº fiéis</b>	<b>Porcentagem</b>
Igreja O Brasil para Cristo	196.665	0,5%
Comunidade Evangélica	180.130	0,4%
Igreja Casa da Benção	125.550	0,3%
Igreja Evangélica Congregacional	109.591	0,26%
Igreja Nova Vida	90.568	0,21%
Igreja Evangélica de Missão	30.666	0,07%
Igreja Evangélica Renovada	23.461	0,07%
<b>Total</b>	<b>42.275.438</b>	<b>100%</b>

## **2 A VOZ DIOCESANA E O PENTECOSTALISMO EM CAMPANHA NA DÉCADA DE 1950**

O protestantismo foi introduzido em Campanha no ano de 1884, notadamente pelo Reverendo Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), da organização da Igreja Presbiteriana do Brasil na cidade.<sup>12</sup> Todavia, foi com a chegada de igrejas como a Congregação Cristã no Brasil, a Batista, e a Assembleia de Deus, que o movimento protestante ganhou certa expressão, na década de 1950. Esta última foi formada após a vinda do casal de missionários estadunidenses Bernhard e Antonette Olivia Johnson para a cidade, em 7 de janeiro de 1954, batizando os primeiros membros em 7 de janeiro de 1955.<sup>13</sup>

Até a década de 1950, o movimento protestante no município de Campanha esteve reduzido a poucas denominações citadas anteriormente.<sup>14</sup> A cidade é de forte tradição católica desde seus primórdios: ainda com o nome de “Arraial de São Cipriano”, a ereção canônica de Campanha como paróquia foi no ano de 1739. Sedia uma diocese criada pelo papa São Pio X desde 8 de setembro de 1907, que hoje abrange 70 paróquias em vários municípios do sul de Minas Gerais (DIOCESE DA CAMPANHA, 2016). É, ainda, centro de formação teológica católica, contando com os Seminários Propedêutico Pio IX e Diocesano Nossa Senhora das Dores, além de ter sido, durante muitos anos, sede do Colégio Nossa Senhora de Sion, voltado para a educação escolarizada feminina, comandado por freiras.

Em 1947, o jornal *Voz Diocesana* foi criado pela diocese da cidade, e tinha como propósito estabelecer vínculos entre a cidade episcopal e as paróquias, entre o assistente diocesano e as organizações paroquiais, comunicando notícias sobre o andamento de suas atividades (VOZ DIOCESANA, 26/10/47. Ano I, n. 1, p. 1). A criação desse jornal deu-se no contexto do pós-guerra e início da Guerra Fria, durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra. Este governo consolidou o alinhamento do Brasil com as ideias democrático-liberais estadunidenses e rompeu relações diplomáticas com a União Soviética no mesmo ano de criação do periódico, participando da onda anticomunista que se alastrava pela América Latina.<sup>15</sup>

Nesse contexto, e constituindo-se num dos instrumentos de comunicação da diocese de Campanha, o jornal *Voz Diocesana*, através das publicações de alguns religiosos, destacando-se o padre Arlindo Vieira, também serviu ao combate ao comunismo e ao avanço do protestantismo em sua área de atuação diocesana. Entre os anos de 1950 e 1960, especificamente a partir de 1954, esse clérigo publicou diversos textos criticando a expansão do movimento protestante e pentecostal, em sua maioria, associando-o ao comunismo. Neste momento, é importante destacar, houve a criação da Assembleia de Deus no município, o que parece ter contribuído para o acirramento das críticas aos pentecostais em razão de sua expansão na região.

Essa estratégia era de certa forma maniqueísta, a mesma utilizada pelos Estados Unidos para tratar do comunismo. Se lá se combatia o perigo vermelho associando-o à subversão, aqui, o protestantismo também fora assim julgado, enfatizando, entre outras coisas, a ligação de clérigos protestantes a partidos comunistas. Referindo-se a uma revista norte-americana, intitulada “American Mercury”, Vieira insinua que ela começa por

afirmar categoricamente que << o maior grupo de classe que hoje defende a propaganda comunista nos Estados Unidos é composto de clérigos protestantes >>. (...) [O] partido comunista alistou pelo menos 7.000 clérigos protestantes, como membros remunerados na qualidade de operários agentes de espionagem, aderentes do partido em vários graus. (...) É isso um índice claro de profunda decadência do clero protestante (VIEIRA, 20 de agosto de 1955, p. 1).

Em outro texto, de 10 de setembro de 1955, é descrito o número de pastores protestantes envolvidos em supostas organizações de caráter comunista, cujo objetivo era derrotar os Estados Unidos: “171 pastores protestantes como participantes das manobras das ofensivas de paz comunista” (VIEIRA, 10 de setembro de 1955, p. 1). Além disso, criticava uma suposta influência marxista no Cristianismo, apontando que a formação dos protestantes se ancorava na teoria comunista: “Já faz muitos anos que os seminários protestantes dos Estados Unidos foram contaminados pela perniciosa doutrina do Evangelho social” (VIEIRA, 20 de setembro de 1955, p. 4).

Vieira ainda relatou que mesmo publicações protestantes estavam a serviço do comunismo:

O <<Protestant>> tomou ultimamente o nome de <<The Protestant Digest>>. É uma publicação radicalmente anticatólica e pró-comunista. Nestes últimos quinze anos dificilmente se encontra um número no qual não haja pelo menos meia dúzia de artigos violentos que atacam com furor satânico a Igreja Católica e ao mesmo tempo defendem a União Soviética (VIEIRA, 10 de dezembro de 1955, p. 4).

Segundo esse clérigo, funcionários públicos dos Estados Unidos seriam punidos caso fossem comprovadas suas colaborações ao comunismo. O mesmo deveria ocorrer com os pastores protestantes (VIEIRA, 10 de setembro de 1955, p. 1). Ainda comparava-os aos falsos profetas descritos na cosmogonia cristã: “Evidentemente, são estes os falsos profetas, os lobos vestidos de peles de ovelhas de que fala o Mestre divino” (VIEIRA, 10 de dezembro de 1955, p. 4), considerando-os incrédulos: “Esses pobres pastores, muitos deles já há muito corroídos pela descrença, pois a isso leva o protestantismo, facilmente se deixaram embair pelas artimanhas do comunismo ateu” (VIEIRA, 20 de dezembro de 1955, p. 4).

Arlindo Vieira ainda evoca o discurso de que a religião católica é o elemento de identidade brasileira e a luta contra a expansão do movimento protestante seria necessária para manter essa identidade.

Quando pensamos nos Estados Unidos, logo nos acode à mente a figura desses semeadores de cizânia. Muitos dizem, sem laivos de dúvida, que eles pretendem exclusivamente desunir-nos (pois a religião é o maior vínculo dos povos) a fim de entregar-nos sem reserva aos senhores prepotentes que os mandam para estas terras exercer tão inglória missão (VIEIRA, 28 de fevereiro de 1954, p. 1).

A ideia subjacente é a de que os Estados Unidos dominariam o Brasil com sua política intervencionista, da “boa vizinhança”, como parte do domínio maior na América Latina. Está também presente a ideia de que tal intervenção desestabilizaria o país no exterior. Em outro fragmento do mesmo texto, atribui aos pentecostais tal responsabilidade:

[Os] pentecostais (...) exercem livremente sua ação nefasta, mantidas e estimuladas pelo ouro americano. Lançam por toda a parte a confusão empenhados satanicamente em quebrar a unidade religiosa do país. Quando conseguirem isso, virá de per si e quase necessariamente a ruptura da unidade nacional. Destruída a unidade nacional, deixaremos de ser uma nação independente (VIEIRA, 20 de maio de 1954, p. 1).



Diante do exposto, pode-se supor que o discurso do pároco estava impregnado de elementos de intolerância, entendida como a incapacidade de reconhecimento das diferenças culturais, étnicas, religiosas, entre outras, dos diversos grupos que convivem no mesmo espaço nacional. Neste caso, observam duas rejeições complementares em seu discurso: a recusa de uma ideologia política – o comunismo, e o combate a uma específica manifestação religiosa – o protestantismo. A negação das diferenças promove a não aceitação da identidade do outro, delimitando-a conforme a visão do mundo do sujeito que a nega. Por outro lado, impede-o de sustentar a sua própria identidade, na medida em que ela se forma sempre em relação a uma outra, ou seja, ipseidade e alteridade devem ser vistas dialogicamente, de forma interdependentes.<sup>16</sup> Ao reconhecer a eclosão de múltiplas identidades sociais, na segunda metade do século XX, Mirta Giacaglia pontua esta correlação entre o eu e o outro, atentando, todavia, para a necessidade de se evitar com que cada particularidade se sinta como uma totalidade fechada ou se veja isolada do contexto de sua formação (GIACAGLIA, 2014, p. 103-104).

A intolerância religiosa do pároco está expressa no jornal. Em uma publicação de 1954, Arlindo Vieira nota “no semblante de todos a mais viva indignação e até gestos de revolta contra os detratores de nossa pátria e de nossa gente”, referindo-se aos pastores pentecostais em atuação (VIEIRA, 10 de março de 1954, p. 1). Em outro texto, o autor ainda relata que esses “missionários são antipáticos a um povo que está satisfeito com a sua religião” (VIEIRA, 21 de maio de 1954, p. 1). Esses fragmentos se constituem parte de um discurso que denota a tentativa de situar o catolicismo como religião legítima do Evangelho de Cristo, excluindo todas as outras fora dessa tradição.

Havia, portanto, uma acentuada rivalidade entre católicos e protestantes recém-chegados. Numa entrevista concedida, em 11 de dezembro de 2017, por um pastor pentecostal da cidade de Campanha, encontra-se o relato de que, no primeiro batismo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, os católicos teriam atirado estreme de gado no reverendo que realizava a cerimônia como forma de protesto à sua realização: “Inclusive o primeiro batismo que foi realizado aqui em Campanha, os congregados marianos, que é uma organização dentro da Igreja Católica, eles jogaram estreme de gado em um pastor que estava fazendo o batismo (...) o Bernhard Johnson”.<sup>17</sup> Esse depoimento, entretanto, deve

ser visto sob suspeição, por partir de um pentecostal que, de forma subjetiva, poderia estar rememorando um passado, a partir de variadas intenções.

Como integrante do clero católico, seu discurso vinculava religião e política, desqualificando os grupos protestantes e considerando seus líderes “embaixadores indesejáveis”, que tinham por finalidade combater violentamente o clero e insultar o papa e os bispos, promovendo a discórdia religiosa ao disseminarem suas heresias. É possível lançar algumas hipóteses com relação aos reais motivos por detrás dessa atitude: desde os anos de 1940, os católicos vinham se sentindo ameaçados pela perda do número de seus fiéis. Um expediente que poderia surtir efeito seria associar o protestantismo ao comunismo, em sintonia com o discurso de sua rejeição, levada a cabo pelos EUA desde, pelo menos, o início do século XX. Não se deve emitir juízo de valor ou julgar suas atitudes, mas compreender que esse discurso se deu em uma época de acirrada disputa ideológica que polarizava, de um lado, defensores do comunismo, de outro, os adeptos ao capitalismo.

Suplantando as críticas de natureza dogmática, o sujeito da enunciação, além de conectar o discurso religioso à ideologia política, endossa a ideia de que seus rivais, protestantes, atentariam também contra a moral e os bons costumes, já que “trouxeram-nos, não a paz do Evangelho, mas a desunião, a luta entre irmãos. Dividem as famílias, atiram pais contra filhos, arrancam lágrimas a muitas pobres mães e se convertem em objeto de execração geral” (VIEIRA, 10 de outubro de 1957, p. 1). Com relação especificamente aos pentecostais, objeto de crítica maior pelo simples fato de se fazerem presentes nestas plagas, a eles se referem como “seita” que “não passa de uma grosseira superstição, [e até] ferozmente combatida pelas principais denominações protestantes dos Estados Unidos” (VIEIRA, 20 de fevereiro de 1954, p. 1).

Para esse clérigo, os protestantes eram vistos como um grupo sem coesão, devido à diversidade de denominações existentes entre eles, já que estavam “separados do tronco que transfunde a vida das almas” (VIEIRA, 20 de março de 1954, p. 1). Essa diversidade era vista como algo negativo, que devia

ser evitada. Ao contrário, em sua visão, o catolicismo, representava, sob a autoridade do pontífice Pio XII, a “unidade de Deus na Terra” e, por isso, alvo dos protestantes (VIEIRA, 10 de março de 1954, p. 1).

A sua preocupação se canalizava também para o âmbito socioeducacional, quando demonstrava inquietação para com a criação de colégios, hospitais e meios de imprensa protestantes, veículos ativos para difusão de suas crenças. Numa passagem, assim se expressa:

recebem os pretensos pastores norte-americanos (...) somas vultosas para abrir colégios onde nossa mocidade é descatalizada e depois descristianizada; erguem hospitais para ilaquear, sob a capa da caridade, a boa fé do nosso povo; fundam revistas e jornais para a propaganda de seus erros” (VIEIRA, 10 de março de 1954, p. 1).

Em outro fragmento, o mesmo clérigo demonstra, ainda, uma maior preocupação com a instituição de escolas pelos protestantes. Em sua visão,

para ilaquear a boa fé do povo, fazem alarde de que em tais instituições [as escolas protestantes] não se trata de religião, que nelas se respeitam todas as crenças. Convidam até professores católicos para lecionar em seus colégios. Entretanto, nunca confiam a esses professores as aulas de maior responsabilidade. E com que cores pintará um professor protestante o quadro sombrio da revolução religiosa do século XVI? Em lugar do ensino da religião, ministrado aos alunos católicos, há apenas a leitura da Bíblia interpretada à moda protestante (VIEIRA, 31 de outubro de 1957, p. 1).

Contrasta o modo de vida dos protestantes e católicos, atentando para a distinção entre o exercício de suas funções pastorais. Enquanto

os padres (...) viajam penosamente nas boleias de caminhões ou montados em tardos animais, possuem eles, os confortados pastores protestantes, os seus *jeeps*, carros-capelas e aviões, com boas residências nas maiores cidades, mas investindo com facilidade lá aonde o Padre não pode ir ou não pode permanecer (VOZ DIOCESANA, 10 de setembro de 1954, p. 2).

Diante da ameaça do protestantismo, diversos são os alertas aos leitores para que não se envolvam com tal movimento:

O brasileiro, apegado a sua fé, vê e não pode deixar de ver com maus olhos essas levas de pastores americanos que deixaram em sua pátria milhões de homens que perderam de todo o ideal cristão e aportaram a estas plagas para arrebatá-lhes o tesouro da fé, para ganhá-los a seus erros (VIEIRA, 20 de outubro de 1957, p. 1).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o surgimento e expansão do protestantismo no século XVI, a religião tem sofrido retaliações e tentativas de supressão de maneiras variadas.<sup>18</sup> A análise dos fragmentos do jornal *Voz Diocesana* permite-nos perceber uma tentativa de invalidação da religiosidade protestante. Os textos estão permeados por um discurso de crítica do clero católico, representado por um de seus clérigos, aos pentecostais, na tentativa de conter a perda de fiéis ao protestantismo que se expandia na cidade.

Ao utilizar o jornal como veículo de comunicação para propagar uma particular e contingencial visão de mundo política e religiosa, o sacerdote busca dar-lhe um caráter universal, impedindo o aparecimento do diferente. Percebe-se, assim, uma associação do comunismo combatido pela Igreja Católica com o protestantismo, ao mesmo tempo que utiliza-se da condição política dos Estados Unidos e dos países da América Latina no contexto da Guerra Fria para combater os próprios estadunidenses protestantes.

Ao que parece, a recusa ao discurso protestante, apresentado no jornal, deve-se, especificamente, à vinda dos missionários estadunidenses Bernhard e Antonette Olivia Johnson para a cidade, fundando a Assembleia de Deus em 1954, aproximadamente no mesmo período de publicação dos textos no periódico. Para isso, foram também utilizadas desqualificações de diversos tipos, associando-os a semeadores da discórdia, que dividiriam famílias com suas pregações, e seriam destruidores da integridade e soberania nacional. Somava-se a isso, a preocupação com a expansão da doutrina

protestante em escolas, hospitais e templos que, na visão do pároco católico, poderia lançar gerações futuras à dúvidas dogmáticas.

## Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: história dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 155-202.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ZIZEK, Slavoj. **Contingencia, Hegemonia, Universalidad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

DIOCESE DA CAMPANHA. História. Disponível em: <http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/dioceese/historia>. Acesso em: 11 dez. 2017.

DIOCESE DA CAMPANHA. Paróquia Santo Antônio (Campanha/MG). Disponível em: <http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/sumir-mapa-forania-de-ns-fontes/67-paroquia-santo-antonio-campanha-mg>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FERNANDES, Carlos. Em nome de Jesus – Como a Reforma Protestante foi decisiva para transformar o Brasil de país católico em potência evangélica do século 21. **GEO em Revista**. Santo André – SP: Geográfica Editora, Edição Especial, nº 2, outubro, p. 56-64, 2017.

GOMES, Ozean; REIS, Roberto dos. **Pentecostalismo**. Pindamonhangaba: IBAD, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: [https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm). Acesso em: 11 dez. 2017.

JAMESON, Frederick; ZIZEK, Slavoj. **Estudios Culturales**: reflexiones sobre el multiculturalismo. Buenos Aires: Paidós, 1998.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 111-153.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de Oliveira. Multiculturalismo, pluralismo e (in) tolerância religiosa: a contribuição da teoria do discurso de Laclau para o debate contemporâneo acerca do lugar das diferenças. *In*: MENDONÇA, Daniel de. RODRIGUES, Léo Peixoto (orgs.). **Pós-Estruturalismo e teoria do Discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 183-205.

SOBRINHO, Juliano Custódio. “Por que então a reserva, o silêncio medroso ante um crime tão grave?” – A atuação protestante no Sul de Minas Gerais no limiar da Abolição. *In*: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 27, 2013, Natal, RN. **Anais Eletrônicos**. Natal, ANPUH, 2013. Disponível em: [http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364950584\\_ARQUIVO\\_Anpuh2013-JulianoCustodioSobrinhodoc.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364950584_ARQUIVO_Anpuh2013-JulianoCustodioSobrinhodoc.pdf). Acesso em: 24 jan. 2018.

TULCHIN, Joseph S. **América Latina x Estados Unidos**: uma relação turbulenta. Tradução de Lavinia Silveiras. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

## Referências Documentais

EDITORIAL. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 26 de outubro de 1947, p. 1.

EMBAIXADORES INDESEJÁVEIS. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de setembro de 1954, p. 2.

NICOLAU, Domingos Alves. **Criação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campanha/MG**: depoimento [dez. 2017]. Entrevistador: MARIANO, Adenilson Domingues. UEMG, 2017. 1 arquivo .mp3 (10 min.). Entrevista concedida para pesquisa “Resistências ao movimento pentecostal em Campanha/MG por um periódico católico”.

VIEIRA, Arlindo. Orar pelo Papa. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de março de 1954, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Os pastores protestantes e o comunismo II. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de setembro de 1955, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Os pastores protestantes e o comunismo III. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de setembro de 1955, p. 4.

VIEIRA, Arlindo. Os pastores protestantes e o comunismo. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de agosto de 1955, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Os pastores protestantes e o comunismo. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de dezembro de 1955, p. 4.

VIEIRA, Arlindo. Os pastores protestantes e o comunismo. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de dezembro de 1955, p. 4.

VIEIRA, Arlindo. Pastores Indesejáveis I. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de outubro de 1957, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Pastores Indesejáveis II. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de outubro de 1957, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Política da Boa Vizinhança I. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 28 de fevereiro de 1954, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Política da Boa Vizinhança II. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de março de 1954, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Política da Boa Vizinhança III. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de maio de 1954, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Política da Boa Vizinhança. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 21 de maio de 1954, p. 1.

VIEIRA, Arlindo. Política da Boa Vizinhança. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 10 de junho de 1954, p. 4.

VIEIRA, Arlindo. Protestantismo e Catolicismo nos Estados Unidos. **Voz Diocesana**, Campanha/MG, 20 de fevereiro de 1954, p. 1.



## Nota de fim

- 1 Licenciado em História na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Campanha). Trabalho de pesquisa voluntário desenvolvido na Unidade Campanha, como desdobramento do “Seminário 500 anos da Reforma Protestante: História e Historiografia”, realizado em 21 e 22 de setembro de 2017.
- 2 Doutora em Museologia e Patrimônio do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-MUS (UNIRIO/MAST). Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra (2001). Possui graduação em História pela Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (1989). Atuou como professora da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG nos anos de 2017 e 2018. Tem experiência na área de História, com ênfase em Metodologia e Prática do ensino de História, Estágio Supervisionado, Patrimônio Cultural, História da Educação. Atualmente, leciona no curso de História da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).
- 3 Reunião de avivamento pentecostal ocorrida em Los Angeles, Califórnia, liderada pelo pastor afro-americano William Joseph Seymour no dia 14 de abril de 1906. Caracterizada por experiências de glossolalia (falar em línguas estranhas) e cultos de adoração, foi muito criticada pela mídia secular e teólogos cristãos por considerarem a reunião de comportamento escandaloso e pouco ortodoxo.
- 4 Os resultados apresentados compõem parte de uma pesquisa em andamento sobre os embates religiosos entre católicos e protestantes no Sul de Minas pós Segunda Guerra Mundial. Neste trabalho, optou-se por recortar um único periódico impresso, revelador de tais conflitos ideológicos. Para maiores esclarecimentos sobre a importância da fonte impressa na pesquisa histórica, confira LUCA (2006).
- 5 Para a metodologia de história oral, consultou-se ALBERTI (2006).
- 6 O termo “puritano”, cunhado em 1560 na Inglaterra, trazia uma ideia satírica e ofensiva. “Puritano” era alguém mal-humorado, presunçoso, descontente e, em certa medida, um hipócrita. Para aprofundar o conhecimento sobre o assunto, consulte: RYKEN, Leland. **Santos no Mundo: Os puritanos como realmente eram**. 2ª ed. São José dos Campos: Fiel, 2013 (GOMES; REIS, 2014, p. 20).
- 7 A rainha Maria Tudor havia reatado os laços com a Igreja Católica de 1553 a 1558, e Elizabeth I, pouco havia reformado a Igreja, apenas organizando o Livro Comum de Orações e adotando os “Trinta e Nove Artigos” como credo oficial, motivada mais por motivos políticos do que religiosos (GOMES; REIS, 2014, p. 20).

- 8 A principal característica dos anabatistas era a convicção de que o batismo era para adultos, não para crianças, distinguindo-os nitidamente de outras religiões. Ainda, se negavam a usar armas, mantinham-se separados do mundo e excomungavam transgressores. Já os *quakers* não aceitavam organizações clericais e prezavam pela simplicidade e ações pacifistas, beneficentes e solidárias. Acreditavam que todos têm a capacidade de sentir a presença de Deus sem nenhum intermediário e defendiam uma sociedade igualitária, sem discriminação entre sexos ou cor de pele.
- 9 Jonathan Edwards (1703-1758) foi um pregador congregacional, teólogo calvinista e missionário aos índios americanos. Um dos mais importantes filósofos norte-americanos. John Wesley (1703-1791) foi um clérigo anglicano e teólogo britânico, líder e precursor do Movimento Metodista ocorrido na Inglaterra no século XVIII.
- 10 Para Álvarez, a partir do Reavivamento da Rua Azuza, deve-se pensar em “movimentos pentecostais”, devido à diversidade característica com que se espalha e se manifesta em várias partes do mundo (ÁLVAREZ, 1996 apud GOMES; REIS, 2014, p. 47).
- 11 A Congregação Cristã no Brasil foi fundada pelo ítalo-americano Luigi Francescon (1866-1964) no bairro do Brás, em São Paulo. Cresceu entre os imigrantes italianos vindos para o Brasil para trabalharem na produção de café.
- 12 Eduardo Carlos Pereira nasceu na cidade de Caldas, em 1855. Estudou e lecionou no Colégio Ypiranga (1870-1873), em Araraquara e Campinas. Mais tarde se tornaria um grande pesquisador da gramática da Língua Portuguesa. Convertido pelo Reverendo George Morton, missionário norte-americano sulista, tornou-se membro efetivo da Igreja Presbiteriana da cidade em 1875. Sua chegada a Campanha deu-se em 1883, pastoreando a Igreja Presbiteriana da cidade até 1888. Fundador da Igreja Presbiteriana Independente (1903) (LIMA, 2012 apud SOBRINHO, 2013, p. 9).
- 13 Segundo depoimento de Domingos Alves Nicolau, pastor-presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campanha/MG, foram missionários naturalizados estadunidenses que estiveram em todo o sul de Minas Gerais entre as décadas de 1940 a 1980 abrindo igrejas e realizando o trabalho evangélico.
- 14 Ao longo dos séculos XX e XXI, outras denominações se instalaram na cidade, a saber: Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Presbiteriana Renovada no Brasil, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras.
- 15 Para Tulchin (2016, p. 91), várias datas são utilizadas para definir o início da Guerra Fria: em 12 de março de 1947, Harry Truman solicita aos gregos o envio de armas e dinheiro para o combate a uma ameaça de golpe

comunista, precedido por Winston Churchill, que agira de modo análogo um ano antes em um discurso de 05 de março no Westminster College.

- 16 A discussão sobre a (in)tolerância tem comparecido nas recentes discussões do multiculturalismo, levando à calorosas discussões teóricas. Para certas divergências com relação à teoria multicultural, vide, por exemplo, HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001; HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003; BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ZIZEK, Slavoj. **Contingencia, Hegemonia, Universalidad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003; JAMESON, Frederick; ZIZEK, Slavoj. **Estudios Culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo**. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- 17 Entrevista concedida ao autor, em 11 dez. 2017, por Domingos Alves Nicolau, pastor-presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campanha/MG.
- 18 Vide, OLIVEIRA, Aurenéa Maria de Oliveira. **Multiculturalismo, pluralismo e (in) tolerância religiosa: a contribuição da teoria do discurso de Laclau para o debate contemporâneo acerca do lugar das diferenças**. In: MENDONÇA, Daniel de. RODRIGUES, Léo Peixoto (orgs.). **Pós-Estruturalismo e teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 183-205.